

Título: A Cavalo no Diabo
Autor: José Cardoso Pires
Editor: Dom Quixote
206 pgs., 2980\$00

"A Cavalo no Diabo", de José Cardoso Pires

"A VER VAMOS, COMO DIZIA O FALSO CEGO"

Quando um escritor como José Cardoso Pires escreve um novo livro, a expectativa é grande. Mesmo se o livro não for aquele que todos desejamos, um romance. Mas "A Cavalo no Diabo", antologia de crônicas surgidas periodicamente no "Magazine" dominical do PÚBLICO — crônicas revistas e adicionadas a mais alguns textos inéditos —, constitui uma possível porta para a obra ficcional do autor.

Porta. Por um lado, porque numa narrativa como "Sebastião Opus Night" vamos encontrar personagens que já conhecíamos de alguns romances de Cardoso Pires: o próprio Opus Night, em "Alexandra Alpha" (ed. Dom Quixote) e Pazinha Soares, em "O

A maior parte das crônicas de "A Cavalo no Diabo" contam uma Lisboa que já não existe. Provinciana; pequena; decadente; melancólica. À semelhança de "O Delfim", elas são a oração fúnebre de uma figura histórica e sociológica portuguesa: o marialva. O Velho Portugal que teima em resistir à razão. Interesse suplementar de em "A Cavalo no Diabo": a esperança na razão não esmoreceu, mas Portugal mudou. Já não é apenas o país rural, berço do marialva. Cardoso Pires presente-o: a razão não tinha toda a razão e os atavismos têm muita força.

TORCATO SEPÚLVEDA

Delfim" (ed. Dom Quixote). O que sugere o esboço de uma família ficcional, à semelhança do que acontece, por exemplo, com os sul-americanos Juan Carlos Onetti e Gabriel García Márquez. Por outro, porque a narrativa curta que inicia a antologia, "O Viajante Anunciado", indicia talvez um novo rumo novelístico do escritor. "O Viajante Anunciado" é um conto tão circular, tão rigoroso no absurdo que lembra o argentino Borges.

Não é que este caminho já não estivesse traçado na obra de Cardoso Pires. A laboriosidade da sua escrita, o seu rigor pressupõem uma oficina louca, de que "O Delfim" é o exemplo mais acabado. Porém, a chegada de Álvaro de Campos a Lisboa à procura de Daisy — sim a Daisy, essa: "Olha Daisy: quando eu morrer tu hás-de / dizer aos meus amigos aí em Londres, / embora não o sintas, que tu escondes / a grande dor da minha morte..." — é tão bela como o encontro fortuito de uma máquina de escrever com um guarda-chuva em cima de uma mesa operatória, parafraseando Leautréamont. O heterônimo, tão parecido com o seu criador, que investiga um amor de juventude, essa Daisy que ele cantara sem o saber num poema, que era a sua personagem, ele que era a personagem de um escritor já morto...

O gênio é isto: um Álvaro de Campos que não sabe que não existe, apaixonado por uma Daisy, mero nome grafado num poema da autoria de um poeta que não estava muito seguro da sua própria existência. Tudo isto é tão frágil, tão diáfano... Mas frágeis e diáfanos já o eram também o engenheiro Palma Bravo, de "O Delfim", ou o "Fio Anibal, de "O Hóspede de Job" (ed. Dom Quixote). E Floripes, a moça dos Sotas, de "O Hóspede de Job", ou Maria das Mercês, a mulher do engenheiro de "O Delfim", teriam assim tanta certeza de existir? E, no entanto, eram personagens "realistas"...

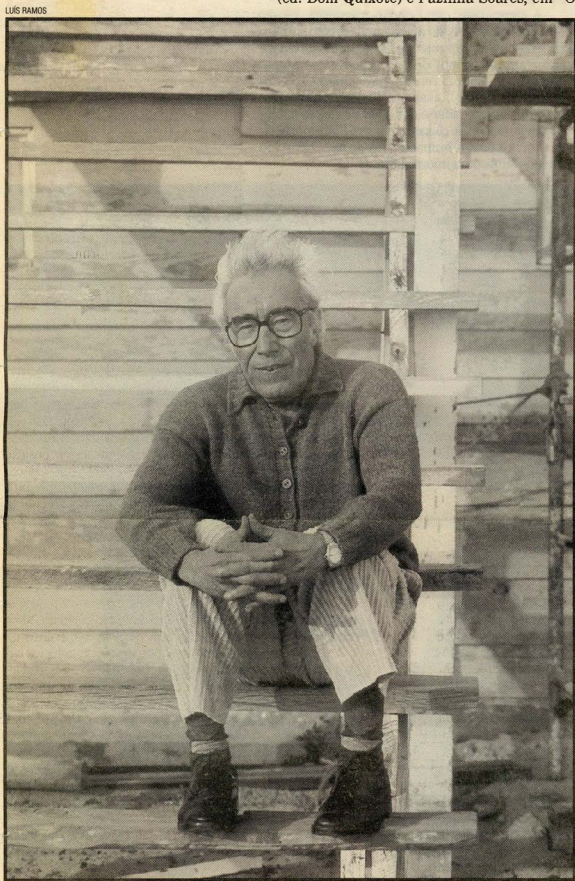
É um mundo tão desamparado, o de Cardoso Pires... Mesmo os malandros de Lisboa, esses imperadores e almirantes de navegação à vista, entre a conquista fácil da rapariga pronta a perder-se e o golpe reles da carta na manga. Uma humanidade perdida.

Humanidade da qual o autor nunca se esquivou. A todo o momento, nas crônicas de "A Cavalo no Diabo", ele vai-nos desvendando os segredos da sua marcenaria literária. Como faz e como não faz. As angústias,

os barulhos que o impedem de escrever, a noite e o dia, a memória. Mas a verdade é que esta maneira já estava em "O Delfim", integrada no próprio processo narrativo: um escritor que nos conta a forma como está a contar-nos uma história. Diga-se: só porque escreveu "O Delfim", José Cardoso Pires merecia o Nobel. E entre os nomes com que ciclicamente nos acenam todos os anos, o dele nunca aparece. Só lhe fica bem...

A maior parte das crônicas de "A Cavalo no Diabo" contam uma Lisboa que já não existe. Provinciana; pequena; decadente; melancólica. A semelhança também de "O Delfim" — um romance que com "Maina Mendes", de Maria Velho da Costa, "A Noite e o Riso", de Nuno Bragança, e "A Paixão", de Almeida Faria, renovou a prosa portuguesa nos anos 60 —, elas são a oração fúnebre de uma figura histórica e sociológica portuguesa: o marialva. O Velho Portugal que teima em resistir à razão. Os fantasmas de Cardoso Pires (como acontece com todos os grandes criadores) são sempre os mesmos: o marialva que nunca mais acaba de decair e que nunca mais dá lugar ao olhar frio do verdadeiro libertino. A "Cartilha do Marialva" (ed. Dom Quixote) — cuja primeira edição data de 1960 — continua a ler-se nas entrelinhas da prosa contemporânea do autor. O desgosto do país, o arrepio ante a facilidade com que os portugueses se vergam à tirania, o desejo de um amor sem limites — Cardoso Pires confessava em entrevista ao PÚBLICO, de 19/6/94: "Eu ainda hoje não tenho um conhecimento concreto do que seja uma puta. Nunca as frequentei, 'mea culpa' —, são constantes de uma obra que atravessa a segunda metade do século. É cuja linguagem, profundamente urbana e cinematográfica — não se percebe porque é que "O Delfim" não foi passado ainda ao cinema —, só reconhece antepassado no Almeida Negreiros de "Nome de Guerra".

Há, porém, um interesse suplementar em "A Cavalo no Diabo": a esperança na razão não esmoreceu, mas Portugal mudou. Já não é apenas o país rural, berço do marialva. Cardoso Pires presente-o. Algo mudou, sim, mas não para melhor. A razão não tinha toda a razão e os atavismos têm muita força. A crônica "Vilar do Lacrau, Tantos do Tal", arranca riso às lágrimas. E a intitulada "O Polícia Padrão e o Capitão Mal-tês" é tão desabusada... ■



LUIS RAMOS